

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v9.n1.005



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

A PRÁTICA DISCIPULADORA DE JESUS E SUA INFLUÊNCIA NA FORMAÇÃO DE NOVOS DISCÍPULOS PELA COMUNIDADE DE FÉ

Jesus' practice of discipleship and its influence on the formation of new disciples by the community of faith

Denilson Silva Araújo¹

RESUMO

O presente trabalho traz a proposta e apresenta, sob forma de texto, os aspectos bíblicos da prática discipuladora de Jesus no processo da formação de discípulos, a fim de apontar as consequências e transformações visíveis na vida da comunidade de fé. Para tanto se fez necessária uma análise do processo do discipulado, como modelo bíblico de relacionamento ensinado por Jesus para seus discípulos e para a igreja. Assim, defendeu-se que o modelo bíblico de discipulado ensinado por Jesus de maneira relacional ultrapassou programas e estruturas, pois não dependiam delas e sim exclusivamente da relação – discípulo e mestre. Fez-se uma apresentação de algumas características que definem o discipulado como algo essencial e único para a formação de discípulos de Jesus, com sua origem em princípios bíblicos praticados e vivenciados nas relações humanas. Por fim, como último tópico do desenvolvimento foi apresentado a ligação que existe entre o relacionamento com Jesus e a prática discipular a ser efetivada pela comunidade de fé, sendo a oração como elemento fundamental de ligação entre o relacionamento com Jesus e a prática discipular. Assim, conclui-se que o discipulado se consolida na relação de discípulo para discípulo quando a oração for evidenciada, não como um programa, mas como um estilo de vida.

¹ Mestrando em Ministério pela Carolina University. Participante do Grupo de Pesquisa Formação Ministerial e Ensino Bíblico-FORMEB. Formado em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil; Bacharelado em teologia pela FATIN; Pós-graduado em Ciências da Religião pela FATIN; Pós-graduado em Sermão Expositivo pelo Ministério Pregue a Palavra; Pós-graduado em Aconselhamento Bíblico pelo Instituto Palavra da Vida; Atualmente Pastor titular da Primeira Igreja Batista em Tacaimbó / PE. ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-9631-4052>. E-mail: denis.canaa@gmail.com

Palavras-chave: Discipulado. Relacionamento. Oração. Modelo bíblico.

ABSTRACT

The present work proposes and presents, in text form, the biblical aspects of Jesus' practice of discipleship in the process of making disciples, in order to point out the consequences and visible transformations in the life of the community of faith. This required an analysis of the process of discipleship as biblical model of relationship taught by Jesus to his disciples and to the church. Thus, it was argued that the biblical model of discipleship taught by Jesus in a relational way went beyond programs and structures, because it did not depend on them, but exclusively on the relationship of disciple and master. A presentation was made of some characteristics that define discipleship as something essential and unique to the formation of disciples of Jesus, with its origin in biblical principles practiced and experienced in human relationships. Finally, as the last topic of the development, was presented the link between the relationship with Jesus and the practice of discipleship to be carried out by the community of faith, with prayer being the fundamental element linking the relationship with Jesus and the practice of discipleship. Thus, it was concluded that discipleship is consolidated in the relationship between disciple and disciple when prayer is evidenced, not as a program, but as a lifestyle.

Keywords: Discipleship. Relationship. Prayer. Biblical Model.

INTRODUÇÃO

A pesquisa tem por finalidade analisar a prática discipuladora de Jesus e sua influência na formação de novos discípulos pela comunidade de fé, para tanto faz-se necessário uma abordagem do método indutivo como forma de se chegar a uma conclusão após se analisar os dados obtidos como afirmam Prodanov e Freitas:

[...] Isso significa que a indução parte de um fenômeno para chegar a uma lei geral por meio da observação e da experimentação, visando a investigar a relação existente entre dois fenômenos para se generalizar.²

A presente pesquisa é do tipo bibliográfica, tendo em vista a necessidade de fontes para o desenvolvimento dos argumentos apresentados. Por isso, dentro deste processo se faz necessário ter fontes de apoio, fundamentando o tema proposto, como cita Fonseca: “a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras”.³ Prodanov e Freitas completam que todos os demais tipos de pesquisa vão abranger o estudo bibliográfico, tendo em vista a necessidade de um referencial teórico por parte de todas elas.⁴

Para tal, será feita a avaliação de livros, enciclopédias e artigos que foram produzidos visando um retorno à prática do discipulado cristão nas igrejas. Essa necessidade iniciou-se fruto de observação do contexto igreja corpo, de seminários sobre o assunto e apontamentos

² PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2.ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013, p. 28.

³ FONSECA, Regina Célia Veiga. **Metodologia do trabalho científico**. Curitiba: IESDE Brasil, 2012, p. 21.

⁴ PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 28.

feitos por teóricos acerca de um possível distanciamento discipular por parte da grande maioria dos cristãos.

A avaliação do conteúdo dos livros envolverá as seguintes características: o conceito de discipulado relacional vivido por Jesus e seus discípulos, assim como o exemplo a ser seguido pela igreja; e a relação que há entre o esfriamento das igrejas e a falta do relacionamento discipulador que tanto prejudicam as demais esferas relacionais.

Relaciona-se ainda à escolha da abordagem qualitativa, entendendo a necessidade de se observar o fenômeno da prática discipuladora de Jesus na igreja e suas consequências, atribuindo-lhe uma interpretação. Prodanov e Freitas ressaltam que “a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa”.⁵

A pesquisa aborda sobre a temática do discipulado e sua relevância para os dias de hoje dentro de uma *ekklesia* saudável. Após essa análise, é feita uma reflexão acerca do modelo discipular que existe e a forma como a igreja tem aplicado as verdades do evangelho nas relações. Essa análise tem por finalidade conduzir a comunidade de fé a uma reflexão sincera acerca da missão que cada um tem enquanto membro do corpo de Cristo; missão que corresponde à obediência ao Senhor Jesus quanto ao discipulado, como afirmam Marshall e Payne: “os discípulos devem, agora, por sua vez, fazer novos discípulos por ensinarem outros a obedecer a todo mandamento dado por seu mestre”.⁶

Sendo assim, a pesquisa versa sobre a relevância da prática discipuladora de Jesus e sua influência no que tange à formação de novos discípulos, assim como sua relação direta com o crescimento e aperfeiçoamento do corpo de Cristo por meio de relacionamentos discipuladores pela comunidade de fé.

1. DISCIPULADO, UM MODELO A SER ENSINADO

Para entender o discipulado como modelo bíblico de relacionamento utilizado por Jesus, faz-se necessário uma análise da origem e de como se desenvolveu no decorrer das páginas do Novo Testamento. A origem do discipulado pode ser considerada no exemplo de Jesus, que convoca discípulos para uma missão. Nesse processo, observa-se que o discipulado ultrapassou a barreira de um simples encontro casual, pois envolvia uma responsabilidade a ser assumida por aqueles que atenderam ao chamado:

Então vamos lá! O que Jesus fez? Basicamente, ele convocou doze homens para andarem com ele, para aprenderem na prática o que era ser seu seguidor. Aqueles homens aprenderam com Jesus não somente ao ouvir seus discursos e parábolas, mas ao verem como ele interagiu com eles mesmos e com as demais pessoas, levando-as a transformação por sua relação com elas. Seus discípulos viram como é um Homem Perfeito, como ele agia, o que ele dizia, como ele tratava as pessoas, como ele se relacionava com as autoridades, como ele se relacionava com seu Deus e Pai. Jesus comia com eles, dormia com eles e conversavam por todos os caminhos por onde

⁵ PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 70.

⁶ MARSHAL, Colin; PAYNE, Tony. **A treliça e a videira**: a mentalidade de discipulado que muda tudo. São José dos Campos: Vida, 2015, p. 19.

andavam. Eles estavam juntos ao passarem por estradas, montanhas, lagos, desertos, cidades isoladas e populosas; oraram, navegaram e pescaram juntos.⁷

Percebe-se que os discípulos escolhidos para andarem com Jesus, vão se tornar seguidores, como fruto de um relacionamento discipulador, em que Cristo estaria ensinando a forma correta de se relacionarem com as outras pessoas, e isso por meio de sua própria vida e exemplo nas mais diversas expressões e situações vivenciadas.

Compreende-se que o discipulado de Jesus não possuía nenhuma base em estruturas humanas, ou mesmo na difusão de conhecimento por parte daqueles que o seguiam. Ainda que o conhecimento faça parte do processo de discipulado, não pode substituir o relacionamento, tendo em vista ser a base para a formação do discípulo.

[...]Jesus teve um relacionamento profundo com seus discípulos. Ele levou alguém a se tornar seu discípulo, não por transmitir conteúdos meramente ou por ministrar cursos, mas se relacionando e dividindo a própria vida com aquelas pessoas. O discipulado de Jesus envolvia, necessariamente, relacionar-se com seus discípulos. O ensino público poderia incluir outros ouvintes, mas o discipulado efetivo ou completo implicava ter um relacionamento real com eles. No discipulado de Jesus, o discipulado é relacional.⁸

Assim, percebe-se que não se pode ter um discipulado efetivo apenas com conhecimento sem relacionamento. O caráter relacional do discipulado tem como foco a partilha de vida e não apenas conhecimento. Isso se revelou bastante eficaz nos dias de Jesus e de seus discípulos.

Essa relação talvez fique mais clara quando se pensa na “Grande Comissão”, geralmente a ênfase recai sobre o “ide” dando uma forte centralidade na ação de ir ou sair do contexto local para comunicar o Evangelho de Jesus em todas as nações. Porém, ao se fazer uma análise mais profunda do texto, percebe-se que a força está no verbo principal “fazer discípulos” e não nos verbos subordinados “batizando” e “ensinando”:

É com base nisto – a autoridade suprema, única e universal do Filho de Deus ressuscitado – que Jesus comissiona seus discípulos a fazerem discípulos de todas as nações. Às vezes, nossas traduções da Bíblia dão a impressão de que “ide” é a ênfase do mandamento, mas o verbo principal da oração é “fazei discípulos”, que conta com três participios subordinados e ligados a ele: indo (ou “à medida que você vai”), batizando e ensinando. “Batizando” e “ensinando” são os meios pelos quais os discípulos devem ser feitos. Talvez o batismo possa significar alguma outra coisa, mas aqui ele se refere à iniciação dos discípulos no arrependimento e na submissão ao soberano Jesus, o Senhor que governa o mundo.⁹

⁷ FARIA, Thiago. **A igreja que faz discípulos**: Construa o modelo de discipulado que você sonha para a sua igreja. São Paulo: Vida, 2022, p. 26-27.

⁸ FARIA, 2022, p. 28.

⁹ MARSHALL; PAYNE, 2015, p. 18-19.

Dessa forma, é fácil perceber que, sendo o verbo principal “fazer”, todas as etapas naturais do processo relacional que envolve o discipulado como “ir”, “ensinar” e “batizar” estão atreladas ao relacionamento discipulador. O propósito é claro e bem objetivo.

Os discípulos floresceram por entenderem a “Grande Comissão” não como um programa, porém como um processo natural instituído em suas vidas desde que entenderam o chamado de Cristo para a multiplicação: “[...]Tornaram a Grande Comissão uma realidade e a multiplicação de discípulos e igrejas um projeto de vida. Não pensavam em outra coisa senão cumprir esse chamado”.¹⁰

Vale salientar que a palavra “discipulado” não existe na Bíblia, porém apenas o termo “discípulo” e a expressão imperativa “fazei discípulos”. Ao se fazer uma análise do termo “discípulo”, percebe-se que seu conceito está intimamente ligado à relação com aquele com quem se aprende algo por meio de relacionamento, e isso de forma intencional por ambas as partes:

Discípulo (*mathetes*”, no grego) quer dizer aluno, aprendiz, aquele que aprende, que segue e se entrega ao ensino de alguém, aquele que se assenta aos pés de um mestre para aprender com ele. “Discípulo” era uma palavra usual nos tempos do Novo Testamento. Tanto que o termo não foi usado apenas para designar os seguidores de Jesus. Antes, há menção aos discípulos de João Batista (Mt 9.14), de Moisés (Jo 9.28) e, também dos fariseus (Mc 2.18). Jesus, também, começou seu ministério chamando discípulos para si, que o seguiram, tendo-o como mestre. Desde que “discípulo” era uma palavra de uso comum na cultura judaica, até Judas Iscariotes foi inicialmente contado entre os discípulos (Mt 10.2-4 e Lc 6.13-16).¹¹

Nota-se que não foram apenas os seguidores de Jesus que receberam o título de discípulos, porém todos que desempenharam um relacionamento intencional de aprendizado entre mestre e aprendiz. O termo “discípulo” era comum na cultura judaica, pois até o próprio Judas estava entre os chamados discípulos de Cristo.

Com o passar do tempo, houve uma evolução do termo “discípulo” e seu significado teológico ganhou uma nova perspectiva nas lentes do livro de Atos dos Apóstolos. A partir daí, todo aquele que fosse convertido ao evangelho seria denominado “discípulo”:

No entanto, a palavra “discípulo” evoluiu em significado teológico e passou a ser empregada no Novo Testamento, especialmente no Livro de Atos, com uma conotação mais própria, para designar todos aqueles que se convertiam ao Evangelho. De fato, todos os crentes, todos os irmãos, passaram a compor a “multidão dos discípulos” (At 6.2), cujo número ia aumentando cada vez mais, como se lê em Atos 6.7: “E a palavra de Deus era divulgada, de modo que o número dos discípulos em Jerusalém se multiplicava muito, e vários sacerdotes obedeciam a fé”.¹²

¹⁰ FREITAS, Fabrício. **De volta aos princípios**: vivendo o jeito bíblico de ser igreja. Rio de Janeiro: Convicção, 2015, p. 19.

¹¹ BRANDÃO, Fernando. **Igreja multiplicadora**: 5 princípios bíblicos para crescimento. Rio de Janeiro: Convicção, 2014, p. 56.

¹² BRANDÃO, 2014, p. 56.

Os irmãos e as irmãs que fossem inseridos na “Igreja Primitiva”, por meio da relação com Jesus, seriam denominados de “discípulos”. A comunidade de fé relatada em Atos se consolidava crescendo cada vez mais, pois suas raízes estavam fincadas no evangelho de Cristo.

Compreende-se que o “fazer discípulos” tem conotação de inclusão. Jesus procurou incluir pessoas, através do evangelho, a uma caminhada de aprendizado relacional, seu ensino tinha o caráter multiplicador e formativo, ou seja, os discípulos poderiam transmitir os ensinamentos a outros e assim sucessivamente. De acordo com Brandão, o processo de fazer discípulos aperfeiçoa aquele que já é discípulo, assim como também transforma em novo seguidor o que se torna participante do discipulado.¹³

Entende-se que o chamado de Jesus para o discipulado foi uma marca distintiva em seu ministério, já que, em sua grande maioria, estavam incluídas pessoas sem rumo e desorientadas, carecendo de um correto entendimento acerca de suas vidas.

Antes de subir aos céus, Jesus fez uma declaração aos seus discípulos para que fizessem outros iguais a eles em relação ao ensino que receberam. A partir de então, novos relacionamentos surgiram e floresceram como fruto do que Jesus havia deixado:

Em seus ensinamentos, Jesus enfatizou um fruto que permaneça: “Vós não me escolhestes a mim, mas eu vos escolhi a vós, e vos designei, para que vades e deis fruto, e o vosso fruto permaneça, a fim de que tudo quanto pedirdes ao pai em meu nome, ele vo-lo conceda” (Jo 15.16). A nossa união com Cristo torna possível uma vida através de que outros possam ser salvos. Quando uma árvore está tão cheia de seiva, que não pode mais contê-la, o resultado é fruto! Quando um cristão está cheio de Cristo, os outros veem, e ouvem a respeito dele e, então, são renascidos espiritualmente no Reino de Deus. Desta forma, novos crentes são um fruto do verdadeiro discipulado.¹⁴

Nota-se que os discípulos que agora faziam novos discípulos possuíam condições para isso, porque Jesus os havia ensinado antes, ou seja, houve um tempo investido em relacionamento discipulador de forma intencional por ambas as partes. Esse relacionamento possui algumas características e importâncias geradoras de consequências e que contribuirão para a formação dos discípulos.

2. DISCIPULADO, UM MODELO QUE TRANSFORMA

Partindo do discipulado vivenciado por Jesus, é possível identificar algumas características que o distingue de qualquer outro relacionamento por implicar propósito e transformação. A primeira característica é a relacional. O discipulado praticado entre os discípulos e seu mestre se desenvolveu nos relacionamentos, não se limitou à transmissão de

¹³ BRANDÃO, 2014, p. 56.

¹⁴ MOORE, Waylon. **Multiplicando discípulos**: o método neotestamentário para o crescimento da igreja. Rio de Janeiro: Convicção, 2015. p. 26-27.

conteúdo ou mesmo programas de formação. Discipular é partilhar vida, implica em dividir experiências e vivências.

Quando pensamos em relacionamentos discipuladores, pensamos na prática dessa mutualidade como geradora de verdadeira comunhão e edificação na vida da igreja. *Walter Henrichsen* nos diz: “Quando investimos nossas vidas em outras pessoas, transmitimos não somente o que sabemos, mas, o mais importante, o que somos”. Isso acontecerá quando nosso conceito de discipulado for mais amplo do que informação doutrinária. O discipulado também deve compreender o ensino vivencial dos valores do reino de Deus. É por isso que os pequenos grupos são essenciais, pois potencializam as oportunidades desses relacionamentos intencionais.¹⁵

Entende-se que a relação gera profundidade, e esta jamais poderá ser alcançada meramente com encontros casuais, mas sim de maneira intencional e efetiva. Jesus sabia que, enquanto caminhava na terra na qualidade de mestre e Senhor de seus discípulos, desempenharia seu propósito messiânico de salvar a humanidade por meio de relacionamento com ela.

A segunda característica do discipulado praticado por Jesus demonstra-se de forma intencional. Sabe-se que, para comunicar o evangelho de forma eficaz a alguém, é necessário que se tenha um acesso entre ambos. Por essa razão, deve haver uma intencionalidade em se comunicar o evangelho, bem como para um relacionamento objetivo.

Por isso, o que caracteriza a Evangelização Discipuladora é o que todo processo de comunicação do Evangelho deve estar aliado a uma intencionalidade de criação e aprofundamento de relacionamentos discipuladores, a fim de que efetivamente possamos evangelizar as pessoas com vistas a que se tornem discípulos de Jesus e a que sejam agregadas à igreja e iniciadas no aperfeiçoamento cristão.¹⁶

Entende-se que não se pode existir relacionamento discipulador sem aprofundamento e efetividade. Para que ocorram, necessariamente, deve existir uma intenção por intermédio de alguém. Assim, compreende-se que todo aquele que se aproxima de um discípulo deve se chegar com a intenção de comunicar o evangelho que se consolida por meio das relações.

Uma outra característica do discipulado de Jesus é sua maneira processual de se desenvolver. Percebe-se um longo período acontecendo desde a escolha dos discípulos até seu envio. Crescimento implica tempo, segundo o ensino de Jesus, percebe-se uma verdadeira transformação surgindo no dia a dia mediante esse processo. Faria chama a atenção para o fato de o discipulado ser processual em seu desenvolvimento, esse modelo, segundo ele, gera crescimento espiritual e maturidade gradativas na vida do discípulo.¹⁷

Sabe-se que a formação de discípulos demanda tempo, Jesus possuía a consciência que isso só seria possível, desde que o processo discipulador se consolidasse no ordinário. Seria justamente na vida dos seus discípulos, nas mais variadas situações do cotidiano, que essa formação ganharia forma.

¹⁵ FREITAS, 2015, p. 42.

¹⁶ BRANDÃO, 2014, p. 69.

¹⁷ FARIA, 2022, p. 29.

A quarta característica do discipulado de Jesus é seu caráter orgânico. Jesus não se utilizava de processos rígidos e sequenciais com o objetivo de paralisar e neutralizar aspectos subjetivos tão essenciais na formação do discípulo.

[...]O processo de discipulado de Jesus não era totalmente estruturado. Ele era orgânico. Orgânico não significa que era sem objetivos claros nem totalmente sem estrutura. Quer dizer que não era engessado a ponto de dispor o processo numa sequência de informações, aprendizados e tarefas. Talvez pudéssemos dizer que Jesus tinha um processo semiestruturado, pois ele se adaptava às características e oportunidades que surgiam ao longo do caminho. Por exemplo, quando Jesus quis ensinar seus discípulos sobre incredulidade e, no meio do caminho, ele se deparou com uma figueira não-produtiva, aproveitou aquela situação e aplicou o seu ensino. Jesus aproveitava as circunstâncias ao seu redor e na vida das pessoas para discipulá-las, mas ele sabia “o que” queria ensinar e adaptava o “como” e o “quando”. No discipulado de Jesus, o processo é orgânico.¹⁸

Aprende-se que Jesus utilizava coisas do ordinário para ensinar seus discípulos, ou seja, apesar de ser Deus conseguia descer ao nível das pessoas, utilizando-se do mundo natural para ensinar acerca do seu Reino, bem como a formação discipular de cada aluno.

Apresenta-se como a quinta característica do discipulado de Jesus, o fato de, por vezes, ser individual. Ao aproximar-se de seus discípulos, Jesus os abordou de maneira individual, chamando-os para participar da missão junto com ele. Foi assim que, após várias conversas e embates, estabeleceu o discipulado individualmente com cada um dos discípulos. Assim afirma Faria: “[...] Jesus teve uma aproximação individual, com cada discípulo. A abordagem de Jesus não visava somente o grande grupo. [...] O discipulado de Jesus foi pessoal e personalizado”.¹⁹

Assim como a salvação tem seu caráter de experiência individual, o discipulado de Jesus também possui algumas vezes essa dimensão, sendo uma maneira eficaz de conhecimento e até mesmo de confronto, visando intimidade com Jesus com vistas ao aperfeiçoamento e crescimento.

A sexta característica do discipulado de Jesus é sua forma contínua de ser. O discipulado enquanto processo, é algo que não se encerra simplesmente em um programa de igreja, ou em um currículo de Escola Bíblica Dominical, mas apresenta-se como um modelo permanente de aperfeiçoamento. Faria observa que o objetivo de Jesus sempre foi tornar seus discípulos iguais a ele por meio de uma caminhada contínua de crescimento e fé, mesmo após sua partida, onde o Consolador assumiria a missão.²⁰

Nota-se que a verdadeira transformação do discípulo de Cristo acontece com o passar do tempo, quando a mentalidade vai sendo moldada constantemente graças às experiências relacionais. O próprio Jesus deu garantias de seu contínuo cuidado com todo aquele que o recebesse como Senhor, deixando o Espírito Santo para dar continuidade ao processo discipular.

¹⁸ FARIA, 2022, p. 29.

¹⁹ FARIA, 2022, p. 29-30.

²⁰ FARIA, 2022, p. 29-30.

A sétima característica do discipulado de Jesus é sua dinâmica em grupo. Ao ler as páginas dos evangelhos, percebe-se que, além da abordagem individual, Jesus também gostava de utilizar a estratégia dos grupos como forma de crescimento relacional entre seus discípulos.

[...]Jesus teve uma dinâmica de relacionamentos com seus discípulos que, além de incluir o relacionamento individual, apresentava uma dinâmica de relacionamentos em grupo, seja em duplas (Lucas 10), em trios (Pedro, Tiago e João) ou em grupo (os doze). O relacionamento com outros discípulos foi importante na estratégia de Jesus, pois aprendemos a crescer na relação com os outros. Como dissemos, apesar de o processo de salvação ter um elemento individual, ele também traz um elemento coletivo. Na lógica do Reino de Jesus, crescimento espiritual também acontece na experiência em grupo.²¹

Enquanto dinâmica de grupo, o discipulado possui uma abrangência nas relações de modo eficaz, desempenhando um papel fundamental para o processo de formação da igreja, assim como foi para a “Igreja Primitiva”. Os grupos desenvolvem-se à medida que seus relacionamentos amadurecem e avançam coletivamente.

Compreende-se que as características citadas a respeito do discipulado de Jesus não esgotam de forma alguma a essência do discipulado em termos de caráter. Vale salientar que elas foram citadas a título de importância e consequência para a formação do discípulo. A seguir, aborda-se a ligação que há entre o relacionamento com Jesus e a prática discipular a ser efetivada pela comunidade de fé.

3. DISCIPULADO, UM MODELO QUE SE CONSOLIDA POR MEIO DA ORAÇÃO

O presente tema apresenta a ligação entre o relacionamento com Jesus e a prática discipular a ser efetivada pela comunidade de fé. Antes de tudo, faz-se necessário compreender o que é oração, antes mesmo de abordá-la como agente de ligação entre o relacionamento com Jesus e a prática do discipulado.

Compreende-se a oração, segundo as Escrituras, como um ato de comunicação com Deus, é o momento exato em que criatura e Criador comunicam-se mediante um diálogo. Sabe-se que a oração confere relação, isso quer dizer que, sempre que ocorre efetivamente o diálogo entre as partes, desenvolve-se intimidade, conhecimento e conseqüentemente relacionamento. De acordo com Brandão, a oração é um diálogo que gera relação e amizade entre aquele que ora e o Senhor, podendo transformar de forma significativa a vida e o ministério daquele que mantém de maneira efetiva uma vida de oração com Deus.²²

Percebe-se com isso, que a oração exige intencionalidade e persistência. Da mesma forma que há uma interação entre as partes envolvidas, oração gera também comunhão, pois assim que se aproxima de Deus, o homem tem sua relação fortalecida, e isso não deve

²¹ FARIA, 2022, p. 30-31.

²² BRANDÃO, 2014, p. 27.

acontecer por uma conveniência, ou simplesmente por necessidade, ainda que exista, mas por prazer em estar na presença de Deus.

Inicialmente, a “Igreja Primitiva” não possuía muita dificuldade em compreender que a oração era mais que um movimento para se buscar algo de Deus, ou mesmo um espaço dentro de uma liturgia nos cultos, porém era um estilo de ser da igreja, uma marca distintiva, uma maneira de se movimentar em Deus. Isso a distinguiu dos demais movimentos religiosos durante seu início.

A igreja de Atos entendeu a importância da oração e desde o seu início a teve como estilo de vida. Ao seguirem a orientação de Jesus de retornarem a Jerusalém e aguardarem a promessa do Pai, os discípulos perseveraram em oração. Orar foi o primeiro movimento dos discípulos após o recebimento da Grande Comissão. Em Atos 1.14, nós encontramos a igreja buscando intensamente a presença do Senhor: “E, unidos, todos se dedicavam à oração, juntamente com as mulheres, com Maria, mãe de Jesus, e com os irmãos dele”. O resultado foi uma poderosa proclamação do Evangelho. [...] Os resultados foram fantásticos! Sem oração nada acontece.²³

Após receber a missão concedida por Jesus, a igreja imediatamente começa a desenvolver uma vida de oração na recém comunidade de fé. Essa ação os impulsionou de imediato a anunciarem o evangelho da salvação aos perdidos. Esse efeito da oração na comunidade dos denominados “cristãos”, em especial no livro de Atos dos Apóstolos, é encorajador para a igreja na atualidade.

Ao pensar na prática discipuladora e sua ligação com a oração, deve-se ter em mente que o alvo principal é a evangelização do discípulo. Assim como Jesus orou constantemente por seus discípulos, é tarefa daqueles que discipulam orar por seus discipulados. Sendo assim, antes de tudo entende-se que a oração deve somar-se à pregação da Palavra. Nesse sentido, afirma Brandão: “Pregar o evangelho sem uma estratégia de oração é como lançar a semente em terra sem o devido preparo. Precisamos, pois, priorizar o que é mais importante no processo: a oração”.²⁴

Uma vez que só Deus pode convencer o ser humano acerca de seus pecados, a principal função da comunidade de fé é orar. Observa-se que a oração é a mais relevante estratégia que a igreja pode assumir efetivamente, enquanto modelo bíblico ensinado por Jesus por meio do discipulado.

O discipulado de Jesus não consistia apenas em atos esporádicos de intercessão desenvolvidos em situações específicas com o objetivo de cumprir demandas, porém o que existia na verdade era um ministério de oração ensinado por Jesus aos discípulos mediante o discipulado ativo.

Todos os relatos das orações de Jesus demonstram que Ele desenvolvia um ministério de oração visível. Ele ensinou seus discípulos a orar por meio de sua vida de oração. Joel Komiskey diz que “Jesus não lhes ensinou simplesmente acerca da oração. Mas também lhes pediu que fossem orar com ele. Ele lhes permitiu que o vissem orar. E finalmente quando os

²³ BRANDÃO, 2014, p. 27.

²⁴ BRANDÃO, 2014, p. 31.

discípulos lhe perguntaram o que estava fazendo, então tomou a oportunidade de ensiná-los acerca da oração”.²⁵

Jesus quis deixar bem claro, mediante seu exemplo, que orar ia além de uma simples rotina, mas que deveria ser encarada como ministério inserido ao cotidiano dos seus discípulos, enquanto multiplicadores de tudo quanto aprenderam com seu mestre.

Jesus também deixou exemplos orientados por meio de ensino verbal, no qual consistia que o ministério de oração não seria exercido apenas coletivamente, porém de forma pessoal. Nota-se, ainda, que Jesus orienta seus discípulos a serem pessoas de oração em movimento no Reino. De acordo com Arantes, os princípios da oração devem ser ensinados por meio de orientação clara no discipulado, estabelecendo assim uma clara compreensão de que a oração é um ministério.²⁶

No relacionamento entre Jesus e os discípulos, fica claro que o ensino acerca do ministério de oração pessoal tem grande relevância para Jesus, pois seus discípulos só poderiam ensinar acerca desse assunto a partir do momento que suas vidas estivessem totalmente imersas na prática da oração.

Entende-se, que no discipulado de Jesus, a oração não possuía conotação de fardo, principalmente para os futuros líderes que passariam a assumir a liderança nas diversas comunidades espalhadas por todos os lugares. A oração, enquanto ministério, desempenha papel ativo e atuante na vida do discípulo.

A oração não é o oposto de trabalho; ela não paralisa a atividade. Em vez disso, a oração é em si mesma o maior trabalho; ela trabalha poderosamente. Ela deságua em atividade, estimula o desejo e o esforço. A oração não é um ópio, mas um tônico; não é um calmante para o sono, mas o despertamento para uma nova ação. Um homem preguiçoso não ora e não pode orar, porque a oração demanda energia.²⁷

Ainda que a oração demande perda de energia, por outro lado implica em ganho por produzir energia, ao mesmo tempo em que direciona ações produtivas na vida do discípulo. Aquele que se dedica a uma vida de oração terá uma vida de ocupação como consequência.

Assim, percebe-se que a oração exerce uma forte ligação entre o relacionamento com Jesus e a prática discipular a ser efetivada pela comunidade de fé. Jesus praticou a oração para que fosse praticada por seus discípulos, bem como ensinou para que da mesma forma fosse ensinada. Considera-se que sem a oração não poderá existir relacionamento com Deus nem, efetivamente, relacionamento discipulador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática do discipulado é uma das características que distingue o grupo de discípulos de Jesus de todos os demais grupos sociais que já existiram na história. Isso porque, o

²⁵ ARANTES, Roosevelt. **Aprofundando raízes**: dinâmica e elementos do relacionamento discipulador. Rio de Janeiro: JNM, 2016, p. 55.

²⁶ ARANTES, 2016, p. 55.

²⁷ LOPES, Hernandes Dias. **De pastor a pastor**: Princípios para ser um pastor segundo o coração de Deus. São Paulo: Hagnos, 2008, p. 72-73.

discipulado se identifica por uma relação de cuidado e intimidade de acordo com os passos de Jesus. Sendo assim, tem por base os Evangelhos como principal modelo referencial, onde mostra Jesus iniciando sua jornada relacional com seus doze discípulos.

Compreende-se ainda o discipulado no sentido didático. Assim, o discípulo, enquanto se relaciona, aprende e apreende com seu mestre. Pode-se refletir na prática do discipulado de Jesus e sua forma de apresentar os mistérios do reino aos seus discípulos na repetição da palavra “E Ele os ensinava”, era comum seu uso quando Jesus estava reunido com seus discípulos.

A prática de discipulado esteve viva e atuante no ministério de Cristo, e assim deve estar na igreja. Para que se tenha uma igreja relacional e saudável, é necessário que se tenha uma prática discipular bíblica. A igreja crescerá em comunhão a partir do momento que amadurecer nos relacionamentos, e a melhor forma de se obter esse amadurecimento é por meio de grupos de relacionamento discipulador.

Sabe-se que o discipulado não é caracterizado como mais um programa a ser seguido pelas comunidades de fé, ou mesmo um curso de formação que possui começo, meio e fim, porém sua principal marca é o relacionamento. Como expressa-se de forma relacional, possui características que o diferem de qualquer programa, por ser também intencional, implica intencionalidade quanto ao aprender com Jesus e sobre o Reino.

O discipulado não pode ser refém das estruturas por ser orgânico. Jesus utilizou o cotidiano e de tudo que existia a sua volta e com isso ensinava às pessoas, algumas vezes sentado num barco, outras no alto de uma montanha, e até mesmo na beira de um poço. Com tudo isso, entende-se que a comunidade de fé pode encontrar uma forma de tornar as estruturas servas das pessoas e não o contrário, dando prioridade aos relacionamentos discipuladores em qualquer lugar.

O discipulado revela-se de forma processual, por entender que não se constroem relacionamentos do dia para a noite, tendo em vista que Jesus gastou bastante tempo discipulando seus seguidores de perto, gastando horas, dias, meses, anos com eles. O vínculo que se estabeleceu deu origem a um grupo de pessoas que se movimentaram mediante o que aprenderam de seu mestre. Isso porque durante o tempo que passaram juntos, sua relação ganhou raízes. A igreja na atualidade deve investir tempo nas relações mediante um processo natural instaurado a partir do momento que pessoas intencionalmente desejam estar juntas aprendendo com Jesus.

A dinâmica discipular de Jesus acontecia de maneira individual, ou seja, Ele chamava o indivíduo como um convite pessoal para segui-lo, mas outras vezes se expressava no coletivo como a um grupo de 3 ou 12. Assim, essas características revelam que não existe um modelo engessado que obedeça a uma regra fixa, mas que se adapta a qualquer situação ou comunidade de fé em seu contexto.

O modelo apresentado possui a característica de ser efetiva, implicando que o discipulado de Jesus não tem prazo de validade marcado, ele dura até que ele volte ou até que o discípulo parta para sempre desse mundo. Isso mostra que, não se tem um tempo marcado ou períodos de discipulado, porém uma ação contínua.

A oração se apresenta como forte ligação entre o relacionamento de Jesus e a prática do discipulado a ser efetivada pela comunidade de fé. O discipulado será um modelo de relação se for um modelo em oração. O que ligava o relacionamento de Jesus ao Pai era a oração, o que ligava o relacionamento dos discípulos à Jesus era a oração, o que liga a comunidade de fé na atualidade é a oração. A oração apresenta-se como estilo de vida que distingue o relacionamento discipulador de qualquer outro relacionamento ou mesmo movimento religioso que possa surgir.

Se a comunidade de fé aderir ao discipulado de Jesus como estilo de vida definido pela relação através da oração, é possível que se tenham pessoas mais próximas de Jesus. Uma vez que se aproximem de Jesus, ficarão mais parecidas com ele, pois só mediante relacionamentos que se pode gerar intimidade e confiança. Algo que se pode encontrar exemplificado nos relacionamentos discipuladores de Jesus.

REFERÊNCIAS

ARANTES, Roosevelt. **Aprofundando raízes: dinâmica e elementos do relacionamento discipulador**. Rio de Janeiro: JNM, 2016.

BÍBLIA Sagrada. Revista e atualizada no Brasil. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.

BRANDÃO, Fernando. **Igreja multiplicadora: 5 princípios bíblicos para crescimento**. Rio de Janeiro: Convicção, 2014.

FARIA, Thiago. **A igreja que faz discípulos: construa o modelo de discipulado que você sonha para a sua igreja**. São Paulo: Vida, 2022.

FONSECA, Regina Célia Veiga. **Metodologia do trabalho científico**. Curitiba: IESDE Brasil, 2012.

FREITAS, Fabrício. **De volta aos princípios: vivendo o jeito bíblico de ser igreja**. Rio de Janeiro: Convicção, 2015.

LOPES, Hernandes Dias. **De pastor a pastor: princípios para ser um pastor segundo o coração de Deus**. São Paulo: Hagnos, 2008.

MARSHAL, Colin; PAYNE, Tony. **A treliça e a videira: a mentalidade de discipulado que muda tudo**. São José dos Campos: Vida, 2015.

MOORE, Waylon. **Multiplicando discípulos: o método neotestamentário para o crescimento da igreja**. Rio de Janeiro: Convicção, 2015.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2.ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.